

SINGULARIDADES DAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, DESAFIOS DAS ASSOCIAÇÕES CIENTÍFICAS E A SOPCOM

SINGULARITIES OF COMMUNICATION SCIENCES, CHALLENGES OF SCIENTIFIC ASSOCIATIONS AND SOPCOM

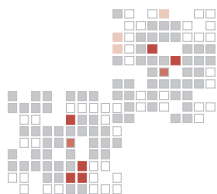
SINGULARIDADES DE LAS CIENCIAS DE LA COMUNICACIÓN, RETOS DE LAS ASOCIACIONES CIENTÍFICAS Y LA SOPCOM

Madalena Oliveira

■ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho (Portugal). Diretora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da mesma universidade. Diretora da revista Comunicação e Sociedade e Presidente da Sopcom, a Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Interesses de investigação: rádio, linguagem sonora, podcast, arte sonora, jornalismo especializado, jornalismo radiofónico, metajornalismo e política de ciência.

■ *Doctora en Ciencias de la Comunicación por la Universidad de Minho (Portugal). Directora del Centro de Estudios de Comunicación y Sociedad de la misma universidad. Directora de la revista Comunicación e Sociedade y Presidenta de Sopcom, la Asociación Portuguesa de Ciencias de la Comunicación. Intereses de investigación: radio, lenguaje sonoro, podcast, arte sonoro, periodismo especializado, periodismo radiofónico, metaperiodismo y política científica.*

■ Email: madalena.oliveira@ics.uminho.pt



RESUMO

A ideia de que a Comunicação é uma problemática transversal a praticamente todos os domínios da vida têm contribuído para um reconhecimento alargado da sua relevância em termos científicos. Plural por definição, o campo das Ciências da Comunicação enfrenta hoje, no entanto, o desafio de conciliar os contributos de diversas áreas do saber com uma necessária afirmação epistemológica. As associações académicas de Comunicação, como a Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação) têm, neste contexto, a complexa missão de criar comunidade num sistema competitivo e de criar identidade num ambiente multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: EPISTEMOLOGIA; COOPERAÇÃO ACADÉMICA; ASSOCIAÇÕES; POLÍTICA DE CIÊNCIA.

ABSTRACT

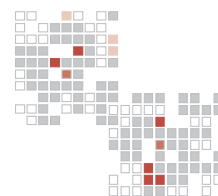
The idea of Communication as a phenomenon with a transversal nature has contributed to a wider recognition of its relevance in scientific terms. Plural by definition, the field of Communication Sciences faces today, however, the challenge of conciliating the contributions of different areas of knowledge with a necessary epistemological affirmation. Academic associations of Communication, such as Sopcom (Portuguese Association of Communication Sciences) have, in this context, the complex mission of creating community in a competitive system and creating identity in a multidisciplinary environment.

KEY WORDS: EPISTEMOLOGY; ACADEMIC COOPERATION; ASSOCIATIONS; SCIENCE POLICY.

RESUMEN

La idea de que la comunicación es un problema que atraviesa prácticamente todas las áreas de la vida ha contribuido a un reconocimiento más amplio de su relevancia en términos científicos. Plural por definición, el campo de las Ciencias de la Comunicación enfrenta hoy, sin embargo, el desafío de conciliar los aportes de distintas áreas del saber con una necesaria afirmación epistemológica. Las asociaciones académicas de Comunicación, como Sopcom (Asociación Portuguesa de Ciencias de la Comunicación) tienen, en este contexto, la compleja misión de crear comunidad en un sistema competitivo y crear identidad en un ambiente multidisciplinario.

PALABRAS CLAVE: EPISTEMOLOGÍA; COOPERACIÓN ACADÉMICA; ASOCIACIONES; POLÍTICA DE CIENCIA.



1. O estatuto científico da Comunicação

Em 1963, no capítulo que abre o livro *The Science of Human Communication – New Directions and New Findings in Communication Research*, Wilbur Schramm reconhecia que, embora não se tivesse tornado “uma disciplina acadêmica como a física ou a economia”, a Comunicação se havia transformado numa “área extremamente animada de pesquisa e teoria” (Schramm, 1963, p.1). A constatação de que tudo na vida envolve, de algum modo, processos de comunicação, de que “a comunicação é um – ou talvez o – processo social fundamental” (Schramm, 1963, p.1), atraiu cientistas de diversos domínios. De acordo com Schramm,

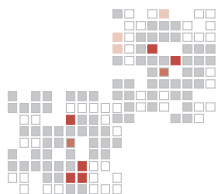
a teoria e a pesquisa em Comunicação atraíram o interesse de psicólogos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, economistas, matemáticos, historiadores e linguistas, e todos os autores destes campos contribuíram para o nosso entendimento da Comunicação. (Schramm, 1963, p.2)

Nos 60 anos que passaram desde a publicação deste texto, a evolução galopante das tecnologias de comunicação e de informação mobilizou cada vez mais investigadores para o estudo dos fenómenos de interação humana. Com uma natureza plural, as Ciências da Comunicação – que são, na expressão de Schramm, um dos mais concorridos cruzamentos (*one of the busiest crossroads*) no estudo do comportamento humano – continuam a registar um forte entusiasmo académico. Não haverá, atualmente, área que se dispense em absoluto de uma abordagem à comunicação, se não por outro interesse pelo menos pela necessidade de responder ao imperativo de comunicação de ciência que se generalizou na última década. Por outro lado, apesar de o jornalismo e, em parte, os meios de comunicação tradicionais

evidenciarem sinais de crise (Alexander, Breese & Luengo, 2016; Matos, Subtil e Baptista, 2017; Trappel, Steemers & Thomass, 2015), o universo da comunicação representa ainda um atraente terreno profissional, com atividades muito diversificadas, criativas e estimulantes (embora nem sempre bem remuneradas) a requerer formação superior especializada e atualização constante da investigação.

Como demonstra a história deste campo em termos académicos, os estudos de Comunicação têm sido particularmente impulsionados pelo forte dinamismo tecnológico – que cria não apenas novos meios, mas também novas linguagens (Santaella, 2007). Renovando permanentemente os processos de comunicação, o desenvolvimento de novos suportes, a proliferação da internet e das redes sociais e a inovação nos mecanismos de mediação têm também profundas implicações sociais e culturais. Ao criar disrupções que estão emparelhadas com a própria transformação do espaço público e das condições de vida coletiva, na verdade, a modernização tecnológica estabeleceu “a Comunicação como uma das principais áreas emergentes da investigação científica em todo o mundo” (Marinho & Vicente Mariño, 2018, p.7) e tornou incontornável a assunção de que as Ciências da Comunicação também são uma espécie de ciências da vida.

A convicção de que a comunicação pode produzir mudança, tanto nos comportamentos individuais como na sociedade como um todo, e de que tem impacto em outras áreas de saber tem contribuído decisivamente para o reconhecimento da sua relevância científica. Como sugerem Sandra Marinho e Miguel Vicente Mariño, no artigo que apresenta um volume da revista *Comunicação e Sociedade* especialmente dedicado à epistemologia e às metodologias em Comunicação, “enraizada num território interdisciplinar e combinando várias Ciências Sociais com as Humanidades, a



Comunicação tem provado ser um domínio de investigação indispensável e um novo e atrativo campo profissional e acadêmico” (Marinho & Mariño, 2018, p.7).

O empenho científico neste domínio tem-se evidenciado também no volume de publicações (com coleções específicas em várias editoras e um número muito significativo de revistas especializadas), bem como na “diversidade temática e metodológica abrigada sob o manto da pesquisa em Comunicação” (Peruzzo, 2018, p.26). A produção científica registrada nesta área – desde pesquisas doutorais a projetos de investigação em equipa e a iniciativas editoriais – evidencia a fecundidade dos estudos em Comunicação, ao mesmo tempo em que concorre para a defesa da legitimação da autonomia do campo.

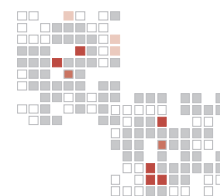
Não obstante a confluência de indicadores que apontam para um domínio de inquestionável pertinência, o estatuto científico da Comunicação não está ainda – se é que alguma vez virá a estar – suficientemente estabilizado. Desde logo, porque, como advertia, em 2002, José Paquete de Oliveira, num texto em que tratava a Comunicação como uma ciência indisciplinada, “as Ciências da Comunicação são transdisciplinares porque os seus objetos são interdisciplinares” (Oliveira, 2002, p.9). Ou, porque, como previne Joaquim Paulo Serra, “as Ciências da Comunicação devem ser consideradas como ciências multi-paradigmáticas” (Serra, 2012, p.114).

A ideia de transversalidade relativamente a outras áreas tem corroborado a constatação de que há um lugar na ciência para a Comunicação, mas também tem sido crítica para a consolidação deste campo. Num trabalho em que refletia sobre as revistas científicas em Comunicação, Enrique Bustamante advertia que “o cruzamento de caminhos traz consigo enormes riscos de generalização (ver bosques sem árvores) e de dispersão temática (árvores sem bosques)”

(Bustamante, 2021, p.115). Para uma área cujos problemas “surgem como importantes nos mais diversos domínios – economia, política, estética, educação, cultura, etc.” (Lopes, 2004, p.29) – confluem necessariamente especialistas de diferentes origens. No entanto, a ideia – pelo menos aparentemente generalizada – de que todos podem estudar e produzir conhecimento em Comunicação também constitui uma potencial fragilidade para a delimitação de fronteiras, tão fundamental à noção de campo.

O facto de a Comunicação aparecer como eixo relevante em praticamente todas as áreas tem, na realidade, um efeito ambíguo. Por um lado, sugere a inevitabilidade da atenção científica aos fenómenos, às práticas, aos processos e aos meios de comunicação, e isso é positivo, porque dá espaço a uma perspetiva sobre esta dimensão, mesmo em projetos cujo objeto não é diretamente a ação comunicativa. Por outro, reforça um entendimento que instrumentaliza a comunicação como ferramenta ao serviço de outros objetos, e isso pode ser negativo, porque a secundariza, a subordina e a diminui como matéria específica de pesquisa científica.

A complexificação do impacto sociocultural dos fluxos de informação conduziu a uma diversificação muito abrangente de enfoques. Se os primeiros estudos de Comunicação se debruçaram especificamente sobre as dinâmicas de comunicação interpessoal e sobre os efeitos dos meios de comunicação de massas, hoje o campo reúne produções que, com relativa naturalidade, também entram em domínios de conhecimento de maior ou menor “vizinhança”, como a educação, a engenharia de sistemas ou as artes. Há, portanto, um certo ecletismo que, sendo porventura inescapável ou inato, dá abertura a alguma indefinição e a uma atração mais pela pesquisa aplicada do que propriamente a um investimento reflexivo, prolongando aquilo que Immacolata Lopes definia como “fraqueza



teórica” (Lopes, 2004, p.28).

A intensificação dos estudos de Comunicação e a sua especialização em subáreas mais estreitas, como os estudos televisivos, os estudos jornalísticos, a publicidade, as relações públicas ou a comunicação estratégica, não tem, na prática, evitado uma espécie de crise de identidade científica, que tão-pouco é nova. Há, hoje, uma certa desvalorização dos média como objeto de estudo em si mesmo, em benefício de trabalhos em que a comunicação e as estruturas mediáticas são apenas espaço de outros temas, como as questões de género, as alterações climáticas, as migrações e as minorias ou os discursos de ódio. Embora talvez já não haja um “complexo de inferioridade intelectual” (Melo, 2003, p.161) dos investigadores em Comunicação relativamente a outras disciplinas de ciências sociais, a motivação por temáticas sociais subordinantes pode não contribuir suficientemente para a superação da fragilidade epistemológica original das Ciências da Comunicação. A questão é que a consolidação da relevância científica da Comunicação só pode ser sinónimo de consolidação de um campo comunicacional se os princípios de inter e de transdisciplinaridade não aniquilarem o espaço de produção de pensamento próprio. E, para isso, será necessário ultrapassar a lógica utilitarista a que parece ceder hoje o estudo da Comunicação.

2. A missão política das associações científicas

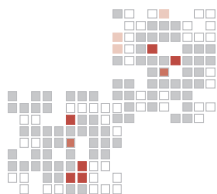
Constituindo uma forma de organização coletiva de investigadores, em função de interesses comuns, as associações científicas estão, normalmente, ligadas ao desenvolvimento dos campos específicos de saber que representam. Surgem, na verdade, da mobilização de académicos que procuram nestas estruturas um suporte para a dinamização de espaços de debate e uma forma de legitimação da ideia de grupo com identidade própria. No caso de áreas de

conhecimento emergentes, as associações servem ainda o propósito de contribuir para a validação de ações ou iniciativas, na medida em que concorrem para uma certa institucionalização dos círculos de discussão académica. O que as distingue de outros tipos de associações é a propensão que têm para a realização de “ações de comunicação e divulgação científica” (Perera López et al., 2017, p.71).

Na origem do conceito estarão as primeiras sociedades científicas, que nasceram no século XVII. Nessa altura, os cientistas e os intelectuais eram ainda apenas uma espécie de membros de um clube, juntando-se para trocar ideias sobre as suas descobertas e experimentações. Como sugere a própria designação, as sociedades científicas eram já, desse ponto de vista, acima de tudo, lugares de socialização do conhecimento. E com essa matriz, à escala da época, também criavam canais de disseminação do saber, substituindo, por exemplo, as cartas em que alguns cientistas revelavam os resultados das suas pesquisas pelas primeiras revistas científicas, assim como pela publicação de relatórios e outras obras de natureza académica.

Promovendo aquilo que hoje se apelida comumente como *networking*, as associações científicas estão fortemente ligadas a uma noção de vínculo, que se busca também por uma necessidade de confirmar uma certa “aceitação dos pares” (Witter, 2007, p.2). Orientam-se, desse ponto de vista, para um duplo objetivo:

- a) por um lado, o conhecimento mútuo, a discussão “dentro de portas”, que é o mesmo que dizer imanente ao próprio grupo científico; b) por outro, a afirmação “para fora”, junto de outros grupos científicos, diante dos quais é necessário declarar a especificidade de um objeto científico ou de metodologias particulares.* (Oliveira, 2017, p.235)



Sejam nacionais ou internacionais, as associações científicas visam a formação de uma ideia de comunidade. Ao construírem redes de contacto entre investigadores, promovem esse princípio de coletividade na base do qual se firma a noção de área científica. Correspondendo genericamente aos sentidos atribuídos à ação de associar (unir, juntar, ligar, reunir, relacionar...), as associações de ciência estão longe de ser somente agregados clubísticos. A sua vocação para “agrupar” é apenas a função mais primária que as justifica.

Embora sejam “um objeto pouco analisado pelos estudos sociais da ciência” (Delicado, Rego & Junqueira, 2014, p.9), “um tema bastante negligenciado nos estudos sobre o campo científico” (Delicado, 2015, p.331), as associações científicas têm hoje um papel paralelo às universidades e às unidades de investigação e desenvolvimento. Responsáveis por um conjunto muito diversificado de ações, que incluem, por exemplo, a organização de eventos científicos, a edição de publicações científicas, a organização de ações de divulgação científica e de cursos, a promoção de prémios e distinções e a prestação de serviços de consultoria técnico-científica (Delicado et al., 2011), às organizações associativas contribuem também para construir uma memória coletiva (Nunes, 2013).

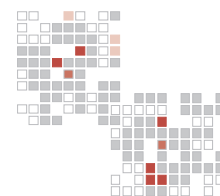
Ainda que haja pouca reflexão académica – pelo menos reflexão publicada – sobre a relevância das associações científicas¹, é relativamente comum a sua consideração como uma das dimensões por que passa a comunicação de ciência. A disseminação do conhecimento, a publicitação de resultados, a demonstração, promoção e divulgação de produções científicas

não são um exclusivo das associações, mas têm muitas vezes a sua marca simbólica. Ainda que os congressos, por exemplo, possam ser organizados por iniciativa de outras entidades, os mais impactantes – nalguns casos até os de maior dimensão – estão vinculados à chancela das associações científicas. Também as revistas – hoje controladas igualmente pelo mercado editorial – tiveram, ou continuam a ter, o impulso e o selo legitimador de núcleos associativos representativos das disciplinas que as sustentam.

Analisando o sistema científico alemão, Uwe Schimank identificava em 1988 quatro funções principais das associações científicas: a) uma função comunicativa (que o autor reconhecia como sendo talvez a mais importante); b) uma função profissional; c) uma função de transferência; e d) uma função de promoção de ciência (Schimank, 1988). Consistentes com o qualificativo “científico” que classifica estas associações, as atribuições sistematizadas nestas quatro dimensões convergem, na verdade, para uma missão política tão ou mais fundamental à afirmação científica quanto à própria atividade de investigação em si mesma.

No quadro de uma atuação de âmbito político, o sistema científico representa hoje um conjunto de desafios para as associações que passam, inclusive, pela necessidade de questionar os paradigmas instituídos. Com uma prioridade claramente direcionada para a confirmação da Comunicação como campo de saber, bem como para a sua solidificação teórica, as associações desta área – talvez não menos do que outras – conhecem bem a urgência de inscrever na agenda política outras preocupações. Por um lado, uma preocupação com políticas públicas cujo efeito tem sido o de produzir “ciência a prazo”, em condições precárias, com programas de financiamento incertos e insuficientes e grande instabilidade no emprego científico e na carreira de investigação. Por outro, uma preocupação com

¹ Em Portugal tem especial expressão a produção científica resultante do projeto “Sociedades científicas na Ciência Contemporânea”, desenvolvido por uma equipa de investigadores coordenada por Ana Delicado, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, entre 2010 e 2012.



o modelo de tipo comercial que tem incentivado o fabrico de “ciência a retalho”, fundada em conceitos próprios de uma lógica de mercado como produtividade, competitividade e impacto socioeconómico e dirigida por aquilo que Juremir Machado da Silva chama uma “ideologia de ranquismo” (Silva, 2023).

A sujeição de toda a ciência a um modelo hegemónico que privilegia a empiria em detrimento da teoria, ou “uma ideia de ciência sem pensamento, sem história e sem memória” (Martins, 2020, p.153) é um “embuste” que afeta as ciências sociais e as humanidades em geral. O problema é, porém, ainda mais sensível para as Ciências da Comunicação, que “constituem um campo de saber de estatuto teórico, metodológico e epistemológico complexo” (Oliveira, 2002, p.9) e que, pela sua natureza multidisciplinar e inclusiva, não terão ainda – ou talvez nunca venham a ter – totalmente resolvida a sua emancipação doutrinal.

3. As Ciências da Comunicação em Portugal

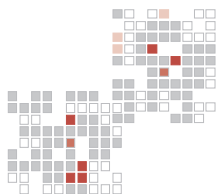
Embora sejam uma área muito ativa e empreendedora, as Ciências da Comunicação são, em Portugal, um campo com atividade relativamente recente. Comparativamente com outros países, como o Brasil, a história deste domínio científico é um tanto tardia nas universidades portuguesas (Martins, 2021; Oliveira, 2002; Rebelo, 2002), registrando um atraso justificado, em parte, por 48 anos de ditadura e pela vigência de um regime de censura a que não interessava o estudo e o desenvolvimento da Comunicação (Martins & Oliveira, 2013), mas também pela suspeita da academia mais tradicional “sobre a ‘idoneidade’ deste campo científico e sobre os seus processos e procedimentos metodológicos” (Oliveira, 2002, p. 8).

Os primeiros cursos de graduação – que

marcam o início da atividade académica em torno da Comunicação – surgiram em Lisboa a partir do final da década de 1970 (em 1979, na Universidade Nova de Lisboa, e em 1980, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, que, na altura, integrava a Universidade Técnica de Lisboa, entretanto agregada à Universidade de Lisboa em resultado de um processo de fusão entre as duas instituições). Nos anos seguintes, criou-se, como sintetiza um texto publicado em 2013 nesta revista (Martins & Oliveira, 2013), o primeiro mestrado em Ciências da Comunicação e o primeiro centro de investigação – o Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens – que deu origem também a uma revista homônima – a *Revista Comunicação e Linguagens*, “uma publicação fundamental para a definição da área, porque constituiu um primeiro repositório científico de trabalhos editados em Português” (Martins & Oliveira, 2013, p.255). O primeiro doutoramento em Ciências da Comunicação só seria atribuído por uma universidade portuguesa em 1990 (Rebelo, 2002).

Depois do pioneirismo da Universidade Nova de Lisboa, e não obstante “a desconfiança da parte de alguns profissionais (...) por cursos de uma aprendizagem e ensino sobre o que eles entendem que só se aprende e ministra no exercício efetivo da profissão” (Oliveira, 2002, p.8), depressa a área se expandiu a praticamente todas as instituições de ensino superior do país. Com uma matriz científica difusa,

um conjunto de investigadores provenientes de áreas muito diversas e estimulados por interesses de investigação muito variados começou entretanto a ter expressão neste campo de estudos: José Paquete de Oliveira (da Sociologia da Comunicação), Adriano Duarte Rodrigues (da Sociologia), Aníbal Alves (da Análise do Discurso), Emídio Rosa Oliveira (da Estética), Manuel Lopes da Silva (fazendo



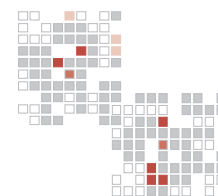
conexão entre a tecnologia e a comunicação), José Bragança de Miranda (estabelecendo pontes entre a teoria da cultura, a teoria política, a teoria das redes e a cibercultura), José Augusto Mourão (considerado por muitos o pai da semiótica e dos estudos textuais em Portugal), João Mário Grilo (com estudos sobre o cinema), Francisco Rui Cádima (mais focado nos estudos televisivos), João Pissara Esteves (no campo mais específico da sociologia dos meios de comunicação), Maria Augusta Babo (vinculada ao estudo dos discursos e linguagens e a uma semiótica do corpo), Maria Teresa Cruz (da Semiótica e Cultura Visual) e Paulo Filipe Monteiro (da Sociologia). (Martins & Oliveira, 2013, p.255)

A estas pessoas, que “são o exemplo de um grupo que se desviou de uma trajetória de ciência social indefinida para uma reflexão sobre a importância da comunicação nas sociedades contemporâneas” (Martins & Oliveira, 2013, p.255), haveria ainda a acrescentar os nomes de António Fidalgo, com formação em Filosofia, e de Moisés de Lemos Martins, com raízes na Sociologia, ou um pouco mais tarde, de Manuel Pinto, com um percurso iniciado na História, e de Joaquim Paulo Serra, com um ponto de partida na Filosofia, professores e investigadores também muito relevantes para a formação de uma nova geração de académicos. Tendo bebido “à mesa do ‘repertório teórico’ e metodológico de outras disciplinas” (Oliveira, 2002, p.9), em quatro décadas, as Ciências da Comunicação passaram a corresponder, em Portugal, a mais de uma centena de cursos de graduação e pós-graduação e a somar mais de 500 títulos de doutor atribuídos.

O final da década de 1990 constituiu um importante marco para o fortalecimento da

área. Vários fatores contribuíram para o início da consolidação das Ciências da Comunicação como área científica reconhecida na academia: a) o surgimento de novos cursos; b) a realização de projetos científicos; c) a edição de revistas universitárias; d) a fundação da Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação); e) a realização dos primeiros congressos (Oliveira, 2002, p.8); f) o início, em 2000, da avaliação e do financiamento de projetos numa rubrica específica de Ciências da Comunicação; e g) o início, em 2003, da avaliação de centros de investigação por um painel específico de Ciências da Comunicação (Serra, 2017).

A ser possível uma definição de fases de desenvolvimento das Ciências da Comunicação em Portugal, três períodos caracterizam o campo: 1) o primeiro, marcado pela proliferação do ensino universitário, promovido por uma geração de professores e investigadores “oriundos de outras áreas, particularmente da sociologia, da psicologia, da antropologia, da filosofia e até da teologia”, o que fez “retardar uma especificação própria na estratégia definidora das linhas programáticas da atividade no campo da investigação científica” (Oliveira, 2002, p.8); b) o segundo, a partir do final da década de 1990, com a proliferação da pesquisa, a criação da área científica na Fundação para a Ciência e a Tecnologia, a fundação da Sopcom e a propagação da iniciativa editorial; e c) o terceiro, correspondendo aos anos mais recentes, caracterizados por uma espécie de regresso ao apelo pela transversalidade, por uma certa massificação do corpo de investigadores e por uma profusão de iniciativas que colocam a Comunicação em diálogo com praticamente todas as áreas de saber.



4. Os desafios da Sopcom

Criada formalmente em fevereiro de 1998², quase 20 anos depois do início do ensino universitário em Comunicação, a Sopcom³ – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação é, por definição, uma associação científica sem fins lucrativos que tem por objeto estatutário desenvolver a investigação em Ciências da Comunicação⁴. Como outras associações congêneres, tem como atividades principais a organização de um congresso bienal, a promoção de grupos temáticos que concorrem para a especialização e a colaboração interuniversitária e o apoio a jovens investigadores, tanto em termos de formação como em termos de projeção das suas realizações.

Com mais de 600 sócios registados até 2023, a Sopcom é a única associação científica para a área global das Ciências da Comunicação em Portugal. Convive, é certo, com outras coletividades que também interessarão aos seus membros, como a AIM (Associação de Imagem em Movimento), mas é singular na representação da área como um todo.

Com 25 anos de atividade, a Sopcom realizou 12 congressos nacionais, em diversas universidades portuguesas⁵, eventos que têm sido cruciais para

promover o conhecimento mútuo da comunidade nacional. Tem, por outro lado, patrocinado várias centenas de outros encontros (workshops, seminários, webinars...), promovidos pelos investigadores associados. Os membros estão organizados em 20 Grupos de Trabalho, que cobrem uma parte muito significativa da área: Cibercultura; Ciência da Informação; Comunicação e Educação; Comunicação e Política; Comunicação Intercultural; Comunicação Organizacional e Institucional; Cultura Visual; Estudos Fílmicos; Estudos Televisivos; Género e Sexualidades; História da Comunicação; Jornalismo e Sociedade; Jovens Investigadores; Média Regionais e Comunitários; Políticas, Regulação e Economia dos Media; Publicidade; Públicos e Audiências; Rádio e Meios Sonoros; Retórica e Semiótica. Faltarão nesta organização áreas como a Comunicação de Ciência, a Epistemologia e as Teorias da Comunicação, as Artes e eventualmente uma representação mais alargada da Tecnologia e dos Média Digitais, que, sendo áreas de trabalho dos sócios, se dispersam pelos grupos existentes, mas sem a visibilidade a que poderiam corresponder.

Em termos de publicações, a Sopcom está associada à publicação de quatro revistas científicas: a) *Comunicando*⁶, editada pelo grupo de Jovens Investigadores, em colaboração com o Laboratório de Comunicação (LabCom) da Universidade da Beira Interior, b) *Vista*⁷, promovida pelo grupo de Cultura Visual em parceria com o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho; c) *Estudos de Jornalismo*⁸, editada pelo grupo de

2 A reunião fundadora – que juntou uma centena e meia de professores – realizou-se a 29 de novembro de 1997, mas os estatutos que regulam a associação só foram registados mais de dois meses depois, a 6 de fevereiro de 1998.

3 Na primeira mensagem que dirigiu aos sócios, no final de fevereiro de 1998, o primeiro Presidente da associação, Aníbal Alves, explicava que se tinha procurado registar a coletividade como APCOM, um acrónimo que não tinha sido aceite pelo Registo Nacional de Pessoas Coletivas, pelo que, “após sucessivas propostas, se obteve aprovação para ‘Sopcom’” (email de Aníbal Alves datado de 28 de fevereiro de 1998).

4 Ver www.sopcom.pt

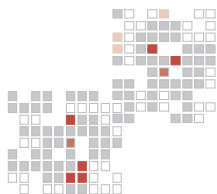
5 Na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa (1998 e 2001), na Universidade da Beira Interior – Covilhã (2004), na Universidade de Aveiro (2005), na Universidade do Minho – Braga (2007), na Universidade Lusófona – Lisboa (2009), na Universidade do Porto (2011), na Escola Superior de Comunicação Social – Lisboa

(2013), na Universidade de Coimbra (2015), no Instituto Politécnico de Viseu (2017), na Universidade da Madeira – Funchal (2019) e na Universidade Nova de Lisboa (2022).

6 <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando>

7 <https://revistavista.pt/>

8 <https://www.revistaej.sopcom.pt/>



Jornalismo e Sociedade; e d) *Revista Portuguesa de História da Comunicação*⁹, editada pelo grupo de História da Comunicação. Para além das atas dos congressos, a Sopcom iniciou também, em 2017, a publicação de duas coleções de livros (Editora Documenta), uma para obras coletivas editadas por sócios e outra para a melhor tese de doutoramento selecionada no âmbito do Prémio Pacote de Oliveira, criado para distinguir bienalmente trabalhos de pesquisa doutoral. Funcionando em anos alternados, estas edições correspondem ao objetivo estabelecido por várias equipas diretivas de promover a publicação em dois eixos principais: o de trabalhos produzidos em regime colaborativo e o de trabalhos de investigadores em início de carreira. A estas edições soma-se ainda a publicação de uma coleção digital de *Cadernos*, que visa também dar expressão a textos científicos de média dimensão nas áreas temáticas específicas dos grupos de trabalho.

Ainda que possa ser difícil traduzir de modo objetivo o papel das associações na dinamização e na projeção pública de uma determinada área científica, uma leitura dos programas de ação das sucessivas comissões diretivas sustenta que a Sopcom tem procurado assumir, ao longo dos anos, de forma consistente, um compromisso com a consolidação do campo da Comunicação. Nos planos de atividades anuais desta associação têm constado de forma sistemática iniciativas condizentes com um ideário orientado prioritariamente para a estabilização epistemológica da área e para a sua afirmação, em termos nacionais, relativamente a outras áreas, e em termos internacionais, relativamente a outras comunidades de cercania científica. De igual modo, há na política da Sopcom, desde sempre, um guião assente na noção de que é necessário insistir no reconhecimento do grupo

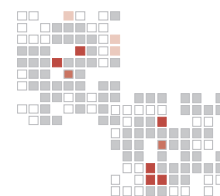
pelas entidades públicas de gestão de ciência.

O papel das associações na consolidação do campo comunicacional, como se refere neste texto, não estaria completo se se cingisse ao propósito de criar condições de reunião e cooperação entre investigadores ou ao objetivo de facilitar a partilha de conhecimento através da promoção da comunicação científica. No caso da Comunicação, a dimensão política e a capacidade de intervenção pública nas medidas de incentivo ao desenvolvimento científico também são determinantes para a institucionalização e a garantia de condições de sustentabilidade da área. Com esta perceção, e seguindo a inspiração de figuras nacionais de referência para o campo, pelo pioneirismo e igualmente pelo empenho que tiveram no lançamento e na dinamização da associação, a Sopcom é hoje um projeto orientado por quatro desafios que definem a estratégia dos seus corpos sociais:

1. o desafio de mobilizar para a cooperação, quer entre investigadores nacionais de diferentes instituições quer entre investigadores de diferentes países, especialmente no espaço lusófono, mas também no contexto europeu. A solidariedade entre pares foi, aliás, um dos princípios inspiradores da Direção eleita em 2022, na convicção de que “a coesão é mais promissora do que a competitividade”¹⁰;
2. desafio de afirmar o estatuto epistemológico da Comunicação junto de instituições de administração do ensino e gestão e fomento de ciência, quer pela tentativa de intervenção nos processos de definição de políticas de ciência quer pela

¹⁰ Retirado do programa de candidatura da Direção eleita em abril de 2022.

⁹ <https://revistahc.sopcom.pt/>



projeção pública das preocupações da área;

3. o desafio de contrariar a lógica mercantilista de ciência que favorece a produção de dados, mas esvazia o pensamento e a reflexão crítica, quer pela valorização do trabalho teórico quer pela estima dos temas nucleares da Comunicação (sem os quais, a ideia de transversalidade ou interdisciplinaridade esteriliza a Comunicação como área);
4. o desafio de defender o português como língua de pensamento e conhecimento, quer pela expressão geográfica dos países falantes de Português quer pela convicção de que, numa área como a Comunicação, a língua em que nos exprimimos é parte do objeto científico.

Com pouco mais de 40 anos de história em Portugal, 25 dos quais acompanhados ou impulsionados pela Sopcom, as Ciências da Comunicação são, no contexto português, um campo de grande profusão temática. À abordagem clássica que presidiu aos estudos iniciais juntaram-se, entretanto, outras áreas de expressiva visibilidade científica, como a literacia mediática, os estudos de gênero e sua relação com os média, as *media arts*, as políticas de regulação, especialmente no plano das novas plataformas digitais, a comunicação estratégica, os desafios da produção e circulação de informação, os estudos culturais e a comunicação de ciência.

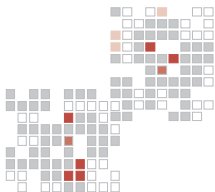
Para além do grande dinamismo e da persistência num quadro institucional que ainda valoriza preferencialmente algumas áreas clássicas, como a Sociologia, os investigadores de Ciências da Comunicação têm também demonstrado uma capacidade de internacionalização de duplo sentido: o de expressão anglófona, em resposta aos requisitos do “jogo científico” e

o de veia lusófona, em harmonia com o apelo pela proximidade histórica e cultural ao vasto território que faz do Português a quinta língua mais falada no mundo. É, aliás, nesse sentido que se tem destacado o vínculo da Sopcom à Lusocom – Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, cuja história se cruza desde o início com a da associação portuguesa.

Num país que conta com quatro centros de investigação com atividade principal em Comunicação (avaliados pela agência nacional, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia por um painel de especialistas em Comunicação)¹¹ e duas dezenas de revistas científicas (Martins, 2021)¹², esta é, na terceira década do milénio, uma área que, simultaneamente, padece e beneficia da efervescência do tempo. Se dela se espera um diagnóstico rápido da orientação das mudanças – que é avesso ao espessamento teórico –, também nela se reconhece o quanto da vida tem na interação social a sua essência.

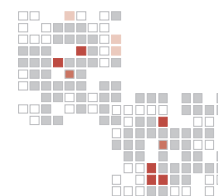
11 Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) – Universidade do Minho (avaliado como Excelente desde 2008), Laboratório de Comunicação (LabCom) – Universidade da Beira Interior, Instituto de Comunicação da Nova (ICNova) – Universidade Nova de Lisboa (avaliado como em Excelente em 2018) e Centro de Investigação Aplicada em Comunicação, Cultura e Novas Tecnologias (CICANT) – Universidade Lusófona. A estes centros juntam-se ainda outros, que também têm linhas de pesquisa em Comunicação, embora não tenham sido avaliados pela FCT especificamente nesta área, como o Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECL) da Universidade Católica, e o Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra.

12 Moisés de Lemos Martins elencava, em 2021, 19 revistas: *Comunicação e Sociedade*; *Revista Lusófona de Estudos Culturais/Lusophone Journal of Cultural Studies*; *Vista*; *International Journal of Film and Media*; *International Journal on Stereo & Immersive Media*; *Revista de Comunicação e Linguagens*; *Revista Média & Jornalismo*; *Interact*; *Estudos em Comunicação*; *Doc-online*; *Eikon*; *Rhétorike*; *Revista Comunicando*; *Revista Estudos de Jornalismo*; *Revista Portuguesa de História da Comunicação*; *Comunicação Pública*; *Observatório (OBS*)*; *PRISMA.COM*; e *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*. A este grupo deverá ainda somar-se a *Mediapolis - Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público*, que não foi considerada pelo autor.



Referências

- ALEXANDER, Jeffrey C., BREESE, Elizabeth Butler, LUENGO, María (Org.). *The Crisis of Journalism Reconsidered*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2016
- BUSTAMANTE, Enrique. Las revistas científicas en Comunicación. Principales retos iberoamericanos actuales. In: PERUZZO, Cílicia, MARTINS, Moisés de Lemos & GABRIOTI, Rodrigo (ed.). *Revistas Científicas de Comunicação Ibero-Americanas na Política de Divulgação do Conhecimento: Tendências, Limitações e os Desafios de Novas Estratégias*. Braga: UMinho Editora, 2021. p.113-124. Disponível em <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43.8>. Acesso em 28 de junho de 2023
- DELICADO, Ana. As associações científicas. In: RODRIGUES, Maria de Lurdes & HEITOR, Manuel (ed.). *40 Anos de Políticas de Ciência e de Ensino Superior*. Coimbra: Almedina, 2015, p.329-348.
- DELICADO, Ana, JUNQUEIRA, Luís, REGO, Raquel, CONCEIÇÃO, Cristina & PEREIRA, Inês. Associações científicas portuguesas: mapeamento e caracterização. *Forum Sociológico*, n.21, p.97-197. Disponível em <https://doi.org/10.4000/sociologico.459>. Acesso em 28 de junho de 2023
- DELICADO, Ana, REGO, Raquel & JUNQUEIRA, Luís. Associações científicas, uma proposta de tipologia. *Sociologia online. Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*, n.7, 2014, p.7-32. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10730/1/ICS_ADelicado_Associacoes_ARN.pdf. Acesso em 28 de junho de 2023
- LOPES, Immacolata Vassalo. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.27, n.1, p.13-39, 2004. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/rbcc.v27i1.1056>. Disponível em <https://doi.org/10.1590/rbcc.v27i1.1056>. Acesso em 28 de junho de 2023
- MARINHO, Sandra & VICENTE MARIÑO, Miguel. Uma paisagem da epistemologia e metodologia em Comunicação. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v.33, p.7-14, 2018. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.33\(2018\).2903](https://doi.org/10.17231/comsoc.33(2018).2903). Acesso em 28 de junho de 2023
- MARTINS, Moisés de Lemos. Em defesa da universidade e em defesa da ciência. In OLIVEIRA, Madalena, MACHADO, Helena, SARMENTO, João & RIBEIRO, Maria do Carmo (ed.). *Sociedade e crise(s)*. Braga: UMinho Editora, p.149-157, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.21>. Acesso em 28 de junho de 2023
- MARTINS, Moisés de Lemos. Políticas científicas e línguas de ciência: O caso das revistas de Ciências da Comunicação em Portugal. In: PERUZZO, Cílicia, MARTINS, Moisés de Lemos & GABRIOTI, Rodrigo (ed.). *Revistas Científicas de Comunicação Ibero-Americanas na Política de Divulgação do Conhecimento: Tendências, Limitações e os Desafios de Novas Estratégias*. Braga: UMinho Editora, p. 125-141, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.43.9>. Acesso em 28 de junho de 2023
- MARTINS, Moisés de Lemos & OLIVEIRA, Madalena. Doctorado e investigación sobre comunicación en Portugal: panorama, retos y oportunidades. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v.10, n.18, p.250-265, 2013. Disponível em <http://revista.publaic.org/index.php/alaic/article/view/131/132>. Acesso em 28 de junho de 2023
- MATOS, José Nuno, SUBTIL, Filipa & BAPTISTA, Carla (Org.). *A Crise do Jornalismo em Portugal*. Lisboa: Deriva, 2017.
- MELO, José Marques. Ciências da Comunicação na América Latina: itinerário para ingressar no século XXI. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 26, n.1, p.161-169, 2003. Disponível em <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002918572.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2023
- NUNES, Maria de Fátima. Associações e sociedades científicas. In: ROLLO, Maria Fernanda (ed.). *Dicionário de História da República e da I República e do Republicanismo*. Lisboa: Ed. Assembleia da República, 2013, p. 308-312.
- OLIVEIRA, José Manuel. Metodologias e práticas em ciências “indisciplinadas”. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.1, p.7-10, 2002.
- OLIVEIRA, Madalena. Associações científicas. Da ideia de rede ao ideal de comunidade. In: MARTINS, Moisés de Lemos (ed.). *A internacionalização das comunidades lusófonas e ibero-americanas de Ciências Sociais e Humanas – o caso das Ciências da Comunicação*. Ribeirão: Húmus, 2017. p.231-246.
- REBELO, José. O ensino e a investigação da comunicação em Portugal. *Trajectos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, n.1, p.11-16, 2002.
- PERERA LÓPEZ, Danays, SALADRIGAS MEDINA, Hilda, LEYNA MAESTRE, Yailuma & LINARES HERRERA, Manuel. Asociaciones científicas y academia de ciencias de Cuba: sinergias para el desarrollo. *Vivat Academia. Revista de Comunicación*, 141, p.69-92, 2017. Disponível em <http://doi.org/10.15178/va.2017.141.69-92>. Acesso em 28 de junho de 2023
- PERUZZO, Cílicia. Apontamentos para epistemologia e métodos



na pesquisa em Comunicação no Brasil. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 33, p.25-40, 2018. Disponível em [https://doi.org/10.17231/comsoc.33\(2018\).2905](https://doi.org/10.17231/comsoc.33(2018).2905). Acesso em 28 de junho de 2023

SCHIMANK, Uwe. Scientific associations in the German research system—Results of an empirical study. *Knowledge in Society*, v.1, n.2, p.69-85, 1988. Disponível em <https://doi.org/10.1007/bf02687214>. Acesso em 28 de junho de 2023

SCHRAMM, Wilbur. Communication research in the United States. In: ____ *The Science of Human Communication. New Directions and New Findings in Communication Research*. Nova Iorque/Londres: Basic Books, Inc., Publishers, 1963. p.1-16

SERRA, Joaquim Paulo. Unidade e multiplicidade nas Ciências da Comunicação: uma comparação entre Portugal e Brasil. *ANIMUS. Revista Interamericana de Comunicação Mediática*, v.11, n.21, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/4105/3501>. Acesso em 28 de junho de 2023

SERRA, Joaquim Paulo. Disciplinas, paradigmas e olhares: o lugar de Paqueta de Oliveira na construção do campo das Ciências da Comunicação em Portugal. *Revista Comunicando*, v.6, n.1, 2017. Disponível em <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/190/128>. Acesso em 28 de junho de

2023

SILVA, Juremir Machado. Ideologia do ranquismo. In: MARTINS, Moisés de Lemos & PIRES, Helena (ed.). *Políticas de Ciência e da Língua, Publicação Científica e Rankings Acadêmicos*, Braga: UMinho Editora, p.95-107, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.66.4>. Acesso em 28 de junho de 2023

TRAPELL, Joseph, STEEMERS, Jeanette & THOMASS, Barbara (Org.). *European Media in Crisis. Values, Risks and Policies*. Nova Iorque/Oxon: Routledge, 2015

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos contra o midiacentrismo. *MATRIZES*, São Paulo, v.1, n.1, p.75-97, 2007. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i1p75-97>. Acesso em 28 de junho de 2023

WITTER, Geraldina Porto. Importância das sociedades/associações científicas: desenvolvimento da ciência e formação profissional-pesquisador. *Boletim de Psicologia*, v.LVII, n.126, p. 001-014, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v57n126/v57n126a02.pdf>. Acesso em 28 de junho de 2023

Recebido em 30/08/2023. Aceito em 13/09/2023.

